



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Eu não quero voltar sozinho” e o cinema como recurso didático- pedagógico na reflexão para a desconstrução da Homofobia

Lucio de Lima Lopes

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

CAMPUS DE PARANAÍ

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

EM FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR

ppifor.fafipa@gmail.com

Resumo

O presente texto tem a pretensão de analisar alguns aspectos dos conteúdos de um filme brasileiro como potencializador, enquanto ferramenta didático-pedagógica, de uma reflexão acerca do “mundo” homoafetivo a fim de desconstruir preconceitos e auxiliar no combate à discriminação de sujeitos LGBT no ambiente escolar. O objetivo não é “dissecar” os conteúdos do filme, mas demonstrar como ele pode contribuir como ferramenta didática. A Homofobia está, dentre outras “pragas” culturais, impregnada nas mentes e corações dos brasileiros. Quanto mais os sujeitos LGBT avançam na conquista de direitos sociais e passam a ter visibilidade pública maior, tanto quanto aumentam em proporção atos de preconceitos e discriminações homofóbicas. É a escola básica o espaço por excelência da formação de uma consciência crítica, que não apenas pode transformar a forma de pensar do sujeito aprendiz, como torná-lo potencialmente capaz de transformar o meio político-social no qual está inserido, combatendo e mitigando a homofobia e outras formas de discriminações. O presente artigo propõe uma reflexão didático-pedagógica do filme em questão aliada à revisão literária necessária para nossa reflexão e apresentação de alguns resultados de uma avaliação pedagógica da disciplina de Filosofia no ano de 2013, relacionada ao objeto de estudo.

Palavras-Chave: Cinema, Homofobia, Homoafetividade, Reflexão, Criticidade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1 INTRODUÇÃO

O estudo proposto no desenvolvimento deste artigo é uma reflexão acerca dos papéis desempenhados no dia-a-dia da escola, em relação aos esforços pedagógicos no processo ensino e aprendizagem acerca da formação da consciência crítica de nossos alunados. Esforços esses que requerem uma contemplação aos chamados problemas contemporâneos, dentre os quais destacamos aqui, como problema a ser abordado, a diversidade sexual centrada nas relações homoafetivas e no seu antagonico que é a homofobia.

Nosso objetivo não é oferecer receitas de como devemos trabalhar um determinado tema social contemporâneo, mas sim refletir como é que esses temas devem ser trabalhados dentro do contexto ideal de educação que vislumbramos para nossa atualidade.

É fato que, a Escola hoje tem por objetivo central a formação do sujeito aprendiz em sua totalidade, tanto para o FAZER quanto para o SER. À escola, não somente, mas à ela, especialmente, por sua condição estratégica de lidar diretamente e cotidianamente com a formação do sujeito aprendiz está reservado o desafio de humanizar os sujeitos da aprendizagem.

Para humanizar, é necessário, de fato, que a escola passe pela desconstrução daquilo que ela já foi um dia pautada por um outro conceito de educação correlativo à população LGBT [Gays , Bissexuais , Travestis , Transexuais e Transgêneros.], que tinha uma prática marginalizante e de ocultamento para atender ao “normal” cultural. Esse modelo, ainda muito vigente hoje, visava formar o sujeito da aprendizagem somente para o trabalho, quando conseguia, desconsiderando-o em sua “Dignidade Humana”.

Superar esse modelo não apenas no que tange na forma de transmitir os conteúdos clássicos e específicos de cada disciplina, mas interagir os problemas da atualidade com esses conteúdos visando uma visão mais totalizante das realidades que nos circundam hoje, é o nosso grande desafio.

A educação deve estar centrada na garantia dos Direitos Humanos para todos sem exceção. Quando falamos de “Dignidade Humana” estamos intencionalmente recorrendo a um conceito ético de dignidade humana de forma livre, mas que nos ajuda a entendê-lo desde duas dimensões distintas: a do plano da subjetividade e a do plano da objetividade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No primeiro plano estamos tratando de tudo aquilo que faz parte da essência do Ser do sujeito e, no segundo tratamos dos aspectos das necessidades de sobrevivência naturais ou básicas. Isto é, dizer, que guarda uma preocupação com a cidadania, habitação, relações sociais, cultura e formação étnico social.

Nos últimos anos apenas é que temos assistido a um avanço no Estado do Paraná em esforços perante várias frentes no sentido de garantir o acesso e a presença dos sujeitos LGBT na escola, especialmente travestis e transexuais mais afetados pela exclusão por sua visibilidade social que afronta o “normal” cultural (cf. a "Orientação Pedagógica nº 001/2010 - DEDI/SEED). Somado a esse esforço, o Paraná também tem ofertado nos últimos anos encontros estaduais de educação LGBT visando preparar docentes para trabalharem em sala de aula com conteúdos de enfrentamento à homofobia.

Ora, nessa reflexão sobre a inserção dos sujeitos LGBT no ambiente escolar, não podemos ignorar a categoria da totalidade, pois quando tratamos especificamente dos sujeitos LGBT, consideramos nessa totalidade uma gama mais ampla de sujeitos que sofrem uma variedade de discriminações cotidianas reais oriundas de variadas formas de preconceitos concebidos e compartilhados quase de forma inconsciente por meio da adesão natural de nossa cultura, como é o caso de sujeitos negros, indígenas, mulheres e outros.

A partir dos desafios educacionais na atualidade, procuramos desenvolver uma reflexão e análise de possível e efetiva proposta de intervenção didático-pedagógica em sala de aula no enfrentamento à homofobia, que teve como um dos recursos didático-pedagógicos, a utilização de um curta-metragem do cineasta Daniel Ribeiro, sob o título “*Eu não quero voltar sozinho*” (2010) que conta a história de Leandro (Guilherme Lobo), jovem com deficiência visual que se descobre gay ao conhecer Gabriel (Fabio Audi), aluno novo que chega à escola.

É incrível como podemos explorar as reações afetivas que as cenas desse filme tendem a provocar nos espectadores. O ideal é que o professor trabalhe o filme sem antecipar o seu conteúdo e que deixe as cenas constituírem as reações naturais na sala de aula. O docente precisa estar em constante observação de seu alunado para pode assimilar essas reações a fim de trabalhá-las



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

posteriormente fazendo conexões com muitas outras problemáticas advindas das relações homoafetivas na sociedade.

O Filme curta-metragem “*Eu não quero voltar sozinho*” (2010), é uma ótima possibilidade didático-pedagógica para trabalharmos com nossos alunos o complexo tema da homofobia. Ele apresenta inúmeras possibilidades de abordarmos o tema. Nos auxilia não apenas a refletirmos sobre as variadas formas de preconceitos e discriminações latentes no ambiente escolar, mas também, a um conhecimento específico acerca da afetividade dos sujeitos com relação às suas identidades.

Do curta chegou-se a produção do longa: “*Hoje eu quero voltar sozinho*”, sendo como o primeiro alvo de muitas premiações. No longa, com mais detalhes explorados pelo diretor, Leonardo (Guilherme Lobo), um adolescente cego, tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Quando Gabriel (Fabio Audi) chega na cidade, novos sentimentos começam a surgir em Leonardo, fazendo com que ele descubra mais sobre si mesmo e sua sexualidade.

Um enfrentamento sério, amplo e forjado na especificidade sem perder a totalidade dos elementos conceituais que giram em torno do tema Homofobia, como um dos problemas centrais de nossa Cultura Ocidental e, que tanto prejudica a garantia universal dos Direitos Humanos, vez que nega a plenitude da Dignidade Humana para uma grande parcela da população; tem sido nessas últimas duas ou três décadas colocado como um desafio para a educação. O filme é um bom material multimídia para nos auxiliar nessa importante reflexão junto a nossos alunados.

Optou-se para averiguar o resultado desse trabalho teorico-metodológico interdisciplinar a partir das aulas de Filosofia, por meio de relatos escritos de experiência pessoal em relação à metodologia de trabalho da disciplina de Filosofia em sala de aula com temas-problemas de atualidade, dentre os quais o correlativo ao nosso objeto de estudo aqui em questão.

Esse instrumento de avaliação foi utilizado ao final do ano letivo de 2013, com alunos das séries, sob a docência do Prof. Lucio de L. Lopes, com alunos/as de 14 turmas do Ensino Médio - do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto - EFMP, pertencente ao Núcleo Regional de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Paranavaí, na cidade de Paranavaí-PR. Participaram da atividade 314 estudantes. Para salvaguardar as identidades dos adolescentes optamos pelo anonimato dos mesmos. Os nomes são fictícios.

Utilizaremos, portanto, ao longo do texto, alguns depoimentos apenas por motivo das limitações próprias de um artigo como esse. O objetivo ao intercalarmos esses depoimentos é demonstrar como os alunados, no processo pedagógico, podem de fato, apoderar-se de conceitos e desses conceitos elaborar atitudes críticas em seu cotidiano.

2 NOSSO CASO EM FOCO

Recordamos de saída que a Filosofia enquanto disciplina excluída do currículo por décadas, desde o início dos governos ditatoriais em 64, contexto no qual a atenção do Estado do Paraná e do Estado brasileiro para a necessidade do retorno dessa disciplina à sala de aula, deu-se depois de muitas lutas de intelectuais dispostos não apenas a exigirem seu retorno senão que da necessidade da mesma para que a Educação possa chegar a consecução de seu papel que é formar o cidadão integralmente. Pereira (PEREIRA, 2011. p.52) interpreta esse retorno, dizendo que

(...) a Legislação Brasileira, respondendo a uma histórica luta de retorno da Filosofia ao ensino, saudou os filósofos (professores ou não) de plantão com a determinação da obrigatoriedade de seu ensino nas três séries do nível médio (...)

Assim é que pretendemos demonstrar como é que o fator emancipatório é nuclear tanto na Filosofia quanto na educação em sua totalidade, contemplando todas as especificidades de forma interdisciplinar. Donde queremos demonstrar ainda que o conflito entre conceitos é uma condição *sine qua non* para a construção de uma consciência crítica.

Na realidade de nossas escolas trava-se atualmente um processo de formação docente que irrompe da necessidade urgente do enfrentamento das mais variadas formas de preconceitos e discriminações latentes no ambiente escolar desde o corpo organizativo-administrativo da escola aos professores e pais.

Pesquisa pioneira no Brasil, realizada em cerca 500 escolas públicas de todo o país, baseada em entrevistas com mais de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários, revelou que 99,3% dessas pessoas demonstram algum tipo de preconceito étnico-racial, socioeconômico, com relação a portadores de necessidades especiais, gênero, geração, orientação sexual ou territorial.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Nota-se que estas práticas discriminatórias no ambiente escolar têm como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais.” (MEC-2009, p.7)

Considerando que essa realidade irrompe a necessidade de uma escola com a missão de resgatar valores na busca por uma formação integral do Homem inserido no processo ensino e aprendizagem, logo, o desafio de que ofereça também mais que conhecimentos sistematizados, a capacidade de tornar estes conhecimentos “praxizados” na sua realidade concreta.

Somos levados a refletir sobre esse papel de educação emancipatória que possibilite formação integral não como um ideal exclusivo da escola, mas do qual a escola não pode fugir.

O tempo de ensino na Escola Pública deveria ser gasto com a consecução desse modelo de educação, ou seja, de uma educação que possibilitasse o sujeito no processo ensino e aprendizagem adquirir condições de emancipar-se, fazer-se melhor. Isto é, aqui estão os caracteres político e utópico em questão: adquirir poder de criticidade, com autonomia e liberdade implicando por sua vez em responsabilidades individual e coletiva.¹

O estudante enquanto sujeito pensante precisaria ser emancipado de fato e, sua emancipação tem que passar por uma educação que rompa com a autonegação das realidades de exclusões construídas histórico-socialmente e culturalmente.

No curta "Eu quero voltar sozinho", a história de um garoto deficiente visual e homossexual, Leonardo, interpretado por Guilherme Lobo, retrata aquilo que sofrem na pele inumeráveis pessoas por suas condições inatas ou naturais, que demarcam os atores sociais em um território da diversidade.

Cego e homossexual são condições portadas por um único sujeito e que o levam a sofrer preconceito e discriminação em duplicidade. Idealizemos um sujeito que agregasse em sua pessoa as seguintes condições: sexo feminino, pele preta, lésbica, cega, surda, pobre, obesa, praticante do Candomblé. A idealização aqui é apenas para lembrarmos que bastaria uma dessas condições elencadas para que o sujeito sofra profundamente, psicoafetivamente e socialmente em nosso país, em decorrência dos preconceitos e atos discriminatórios que têm origens culturais; imaginemos então quando ele é portador de mais de uma dessas condições.

¹ Cf. o item III relativo ao E.M., para citar apenas um: “(...) o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Seção IV, Art. 35. Do Ensino Médio [Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm]



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Leonardo parece estar bem adaptado ao ambiente escolar, atento a tudo o que acontece ao seu redor. Quando tem dúvidas, faz perguntas à amiga Giovana, interpretada por Tess Amorim, que mais do que responder são as pernas de Leonardo, a confidente sentimental e, sobretudo, a defensora da dignidade humana de “Leo” como ela o chama carinhosamente, diante das tentativas de “brincadeiras de mau gosto”, como ela mesma interpreta, por parte dos demais alunos/as da sala contra o amigo.

É preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?²

Giovana tem essa marca em sua personalidade, parece ter assimilado o real papel do conhecimento em sua vida e com personalidade ímpar faz o enfrentamento necessário para garantir a sustentação social de seu amigo Leonardo. Ora, aqui está a práxis entendida como um movimento concreto marcado pela viva dialética entre o conceito e o “lugar” da aplicação do conceito.

Em consonância àquilo que preconiza a Carta de Paris sobre a importância da Filosofia:

Sublinhamos que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre os grupos, Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos - capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância - contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas, notadamente no domínio da ética, Julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino e na vida cultural, contribui de maneira importante para a formação de cidadãos, no exercício de sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda democracia. É por isso que, engajando-nos em fazer tudo o que esteja em nosso poder - nas nossas instituições e em nossos respectivos países - para realizar tais objetivos, declaramos que: Uma atividade filosófica livre deve ser garantida por toda parte - sob todas as formas e em todos os lugares onde ela possa se exercer - a todos os indivíduos (...).³

² O texto faz parte dos Cadernos do cárcere – coletânea em vários volumes de textos escritos por Gramsci durante os 8 anos que passou na prisão como preso político – Caderno 11 (1932-33): Introdução ao estudo da filosofia. (ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1999, Vol. I, p.93).

³ Extraído de : UNESCO. Philosophie et Démocratie dans le Monde - Une enquête de l'UNESCO. Librairie Générale Française, 1995, p. 13-14 [Disponível em: <http://filoparanavai.blogspot.com.br/2013/11/18-de->



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É desde esta base primordial que sustenta qualquer processo ensino e aprendizagem, que todo estudante de Filosofia e demais disciplinas deverão partir, até chegar (e/ou paralelamente fazendo) àquela tarefa de reler os acontecimentos de seu cotidiano, auxiliado por uma fundamentação Filosófica com ampla capacidade e liberdade de fazer leituras inter e “transdisciplinares”⁴.

Giovana faz bem esse papel. Apesar de captar sensivelmente que seu amigo “Leo” sofre discriminação em sua sala na escola, “Gi” – carinhosamente assim chamada por “Leo” – desconhece a orientação sexual do amigo. As questões são: Qual seria a reação da turma ao saber que o aluno cego também é gay? Qual seria a reação de Giovana?

Na sala um novo ator social entra em cena, é Gabriel, interpretado por Fabio Audi. Nas cenas do curta, “Leo” viverá intensamente sua homoafetividade ao fazer amizade com Gabriel. “Leo” ao contar para “Gi” que transparece gostar de “Leo” mais que simplesmente como amigo, provoca uma tensão em sua relação com ela. A paixão de Leo por Gabriel desperta um tipo de decepção visível na reação da amiga ao descobrir a sua possível orientação sexual.

Em um momento do Filme, ao contar para “Gi” seu segredo, sem saber o revela a Gabriel ao pensar que conversa com sua amiga. Agora “Leo” além de exercer o seu direito de ser cego, também passará a exercer o seu direito de ser gay. O curta é provocativo, abre nossa mente e nosso coração para refletir livremente assim como a personagem “Leo” é capaz de fazê-lo. Com liberdade, com coragem, sem temer os conflitos. “Leo” faz uma experiência natural e única ao vivenciar seus sentimentos e diferenças. É um adolescente em processo de auto conhecimento de si mesmo.

3 A EXPERIÊNCIA DO APODERAR-SE DE CONCEITOS

novembro-de-2013-dia-mundial-da.html. último acesso: 08.11. 13

⁴ Esta perspectiva, que busca uma relação estreita entre os dois movimentos, em tensão, no ensino de Filosofia, em relação à sua finalidade aparece de forma muito clara na CARTA DE SALVADOR PARA A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – ENSINO MÉDIO, p. 2 : “(...) Consideramos que a atividade filosófica, que não subtrai nenhuma idéia e fato à livre discussão e investigação, **que se esforça em precisar as definições exatas das noções utilizadas, em verificar a validade dos raciocínios e das pesquisas**, em examinar com atenção os argumentos dos outros, permite a cada um aprender a pensar por si mesmo e aprender a reconhecer os processos sociais implicados... (...) que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e suas relações dialógicas (...). Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos - capazes de resistir às diversas formas de alienação, de fanatismo, de exclusão e de intolerância - contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas (...)”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essa identidade essencial de apoderar-se de conceitos oriundos de diferentes matizes da totalidade do conhecimento (Senso Comum; Senso religioso; Filosófico e Científico) é que pode nos levar ao conflito sadio entre conceitos e a real possibilidade de constituir reflexões críticas sobre os nossos problemas cotidianos.

Assim tem que ser a crítica filosófica, assim tem que ser a educação para realmente cumprir com sua função ajudando a desconstruir e reconstruir a compreensão de processos sociais. Esse é o desafio, a formação de sujeitos autenticamente emancipados em meio a uma Cultura do Capital que desumaniza o Homem e o coloca cada vez mais servo dos objetos, servo acríptico diante dos “monstros” gerados pela cultura eurocêntrica judaico-cristã: xenofobia, intolerância religiosa, homofobia, machismo, misoginia, sexismo, etc.

Essa dinâmica pedagógica visa capacitar o cidadão de uma consciência crítica frente à sua realidade e potencializar ações no sentido de transformar, humanizar essa realidade já desumanizada ou em vias de desumanização.

Ora, sabemos que ninguém é crítico vinte e quatro horas e que não há mágica pedagógica para tornar um educando crítico. O senso crítico é uma construção que transpõe as paredes da sala de aula. É a totalidade de toda uma vida como condição para o fazer crítico. A escola pode ser, porém, o espaço da instigação positiva para que o educando faça seu próprio processo acontecer, oferecendo-lhe os meios instrumentais para tal e isso passa pelo apoderar-se de conceitos. É um processo a ser desenvolvido em toda uma vida.

Nessa perspectiva é que analisamos as contribuições de nossos alunos frente à experiência proporcionada que tiveram dentro do ensino da disciplina de Filosofia. O filme “Eu não quero voltar sozinho” foi utilizado como recurso didático-pedagógico em conexão a outros recursos a fim de provocar nos alunados reflexões acerca do problema da homofobia. Mas para a desconstrução da homofobia entende-se que há a necessidade expressa de tratar a temática de uma forma ampla e totalizante. Há que se tratar da diversidade tanto no campo da diversidade sexual quanto às questões relativas à orientação sexual, como conhecer os sujeitos em meio a essa diversidade e as implicações culturais concretas da inserção social desses sujeitos frente ao fenômeno da homofobia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando tratamos do conceito de experiência, não podemos nos furtar à compreensão de que a experiência de todo e qualquer indivíduo pode originar-se naturalmente da cultura na qual está inserido e, posteriormente, por meio do apoderar-se de conceitos e da práxis, através de um infinito conflito dialético transformador da realidade.

Para Thompson (1981, p. 189), por exemplo, as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento, de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou [...] na arte ou nas convicções religiosas.

De acordo com esse autor os valores são antes de tudo vivenciados em meio a vida material, que seria o espaço do desenvolvimento de nossas ideias. Esses valores são necessários para a manutenção da vida social, e o habitus de vivê-los ocorre por meio de adesão natural desde o seio da família e desde toda a estrutura que corresponde à comunidade imediata. Em meio às várias contribuições de alunos/as acerca da experiência participativa nas discussões de temas-problemas de atualidade, destacamos a seguinte:

M. A. K.: Maravilhoso. As aulas de Filosofia bem como os seus temas abordados e dezenas de reflexões sobre temas polêmicos contemporâneos, me proporcionaram uma visão além da que eu portava (...), capacidade de pensar autonomamente, me fazendo conhecer sobre aquilo (...) que (...) não conhecia como as diversas religiões e seus valores, a Declaração dos Direitos Humanos, movimento LGBT, Constituição Brasileira e etc. Agora consigo perceber a ideologia nas propagandas, (...). Consegui maior consciência política. Facilitou na resolução de problemas éticos do meu cotidiano. Entre muitas outras vantagens.

Podemos observar que o resultado das atividades didático-pedagógicas é oriundo de uma gama totalizante de problemas que tratados em conexões relacionais ajudam uma visão do todo. Quando M. diz que, “[...] Facilitou na resolução de problemas éticos do meu cotidiano”, está tratando de sua experiência enquanto práxis. Para Kosik (1976, p.220),

o homem supera (transcende) originalmente a situação não com a sua consciência, as intenções e os projetos ideais, mas com a práxis [...] com o seu agir o homem inscreve significados no mundo e cria a estrutura significativa do próprio mundo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Kosik está a dizer que a teoria não é algo a ser formulada pela especulação e então aplicada à prática. A teoria é, antes, a consciência humana do ingrediente racional na práxis que se realiza no mundo, ou seja, a compreensão do logos em práxis.

Portanto, os conceitos que operados possibilitam a conexão de informações na formulação e reformulação de conhecimento na dialética tarefa de construção coletiva do conhecimento, aparecem nitidamente nos textos escritos dos estudantes.

C. P. dos S.: A filosofia foi importante para saber as diferenças e os conceitos das matérias (...) e com o aprendizado, poder diferenciar (...) os saberes, o senso comum, o religioso, o mito; a relação da ética e moral, (...) conhecimentos científicos, trabalhar as diferenças que cada indivíduo traz, ter conhecimento de como o racismo está presente e como podemos mudar este conceito. A Filosofia nos traz sabedoria sobre a vida e os fatos que nela ocorre. Nos faz ver a vida de modo crítico, deixando de lado o “senso comum” que nos consome...

A. de B. da S.: No início, meu contato com a Filosofia foi dificultoso, pois esta matéria abordava temas que contrariavam os conhecimentos impostos à mim, envolvendo principalmente religião. Após algum tempo pude entender o quanto a Filosofia é essencial em nossa existência, passei a enxergar o mundo à minha volta de forma mais crítica, como pessoa, minhas mudanças foram extremamente positivas [...].

E, como almejar esse ideal senão pelo apoderar-se dos conceitos? Esta questão exige um ponto de vista pedagógico, que faça a conexão interna entre conteúdo e método: que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico significa que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo e, ao mesmo tempo, de um método que lhe auxilia na leitura da realidade na qual encontra-se inserido como Sujeito em processo de emancipação, no sentido mesmo do conceito marxista.

Quando se entende educação como uma atividade de emancipação, oferecer a possibilidade da pessoa conduzir-se para fora, a Filosofia tem muito a nos auxiliar com sua proposta de nos apoderarmos e também de criarmos “conceitos”, libertando nossa imaginação, praticando a subversão das formas pré-estabelecidas do pensamento na educação tradicional, da moral vigente na sociedade e, geralmente engendrada pela religião dominante, e isto é dizer, uma subversão dos valores pré-definidos na sociedade e aceitos por conveniências sociais.

Apesar das propostas pedagógicas mais audaciosas incorporadas aos nossos atuais documentos oficiais, que têm o papel de orientarem a gerência da educação brasileira, na prática, o que vemos é



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma educação dicotômica: por um lado ela convida nossos alunos para que cresçam, e muitas vezes, toda a ação pedagógica empregada não quer dizer mais que os mesmos juntem-se ao mundo ou se adaptem a ele. Vamos ver alguns outros relatos de alunos/as que vivenciaram na disciplina de Filosofia ações didático-pedagógicas que visavam mais que o conteúdo clássico senão que a conexão desses com os nossos problemas de atualidade:

A. C. S. M.: “ Avalio como boa, porque com a Filosofia foi possível compreender temas como a homossexualidade, tolerância religiosa entre outros. (...) antes da experiência filosófica eu tinha muitos preconceitos em relação a esses temas (...)” **D. W. S. A.:** “As aulas de Filosofia me fizeram perceber que sempre há diferenças em todo lugar e que nem sempre nós aceitamos naturalmente essas diferenças por causa de nossos preconceitos. As aulas de Filosofia me ensinaram a refletir sobre os problemas do mundo (...) que eu posso aceitar as diferenças tanto religiosa, de opção sexual (...).” **Não NOMEADA:** “A minha experiência na matéria de Filosofia tem sido muito boa, pois eu hoje consigo (...) ter uma visão mais crítica em relação à sociedade. Os temas que a matéria aborda mostram problemas conflituosos da sociedade (...). É uma das minhas matérias preferidas.” **C. P. dos S.:** “ A filosofia foi importante para saber as diferenças e os conceitos das matérias (...) e com o aprendizado, poder diferenciar (...) os saberes, o senso comum, o religioso, o mito; a relação da ética e moral, (...) conhecimentos científicos, trabalhar as diferenças que cada indivíduo traz, ter conhecimento de como o racismo está presente e como podemos mudar este conceito. A Filosofia nos traz sabedoria sobre a vida e os fatos que nela ocorrem. Nos faz ver a vida de modo crítico, deixando de lado o “senso comum” que nos consome...” **A. de B. da S.:** “No início, meu contato com a Filosofia foi dificultoso, pois esta matéria abordava temas que contrariavam os conhecimentos impostos a mim, envolvendo principalmente religião. Após algum tempo pude entender o quanto a Filosofia é essencial em nossa existência, passei a enxergar o mundo à minha volta de forma mais crítica, como pessoa, minhas mudanças foram extremamente positivas. Só tenho a agradecer por adquirir tal conhecimento.”

Grande parte de nossos esforços educacionais sufoca a imaginação dos alunos, dizendo-lhes o que pensar e como pensá-lo. O processo ensino e aprendizagem de Filosofia parte dos clássicos, passa pelas problemáticas que se impõe a partir de nosso cotidiano presente e irrompe em novas respostas que por sua vez desencadearão em novas problemáticas, ou seja, o eterno movimento vivificante da Filosofia – aquilo que faz a Filosofia ser Filosofia. Aqui temos o duplo devir sem os quais não existe Filosofia: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos que devem irromper novas práxis transformadoras no contexto real. A educação pode aprender muito com a Filosofia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Enfrentar o problema da Homofobia na escola, ou qualquer outro problema de atualidade requer muito mais que boa vontade, requer muito mais que reflexões baseadas em “romantismos”, no “politicamente correto”. Ao serem abordados devem receber um tratamento metodológico adequado, contextualizado, articulados com os respectivos conteúdos específicos de cada disciplina ou de forma interdisciplinar, sob o rigor de referenciais teórico-conceituais que realmente possam construir e compartilhar muito mais que informações senão que, sobretudo isso, conhecimento que possa ser levado para a práxis, para a vida em seu cotidiano, construindo um mundo mais humano no convívio dos iguais em suas diferenças.

4 CONCLUSÃO

Esse era o objetivo central ao qual queríamos chegar. A Educação e a disciplina de Filosofia convergem para o mesmo objetivo, possibilitar ao sujeito, sempre em processo de ensino e aprendizagem, apoderar-se de métodos e dos conceitos para fazer o movimento dialético de leitura da realidade na qual está inserido para então poder transformá-la. Mas só a Filosofia? Não, a educação é uma totalidade que engloba diferentes campos de saberes, portanto, o papel a ser desempenhado pela Filosofia não pode ser diferente para as demais disciplinas, guardadas suas especificidades.

Mais que um ideal, ainda que uma atividade imensamente difícil e desafiadora, queremos concluir que na prática, tanto a Educação enquanto proposta inovadora de educação, como a Filosofia enquanto disciplina componente da grade de disciplinas da Educação Básica, têm seus lugares por excelência na tarefa de construirmos consciências críticas a partir da educação em meio ao seu todo no qual compreendemos a interdisciplinariedade e a transdisciplinariedade como elementos essenciais na compreensão de nossos problemas contemporâneos visando uma intervenção local transformadora.

Não foi nosso objetivo aqui descrever os recursos materiais didáticos utilizados para a reflexão à qual nos propomos, ou seja, sobre a Homofobia. Vez que o tema foi trabalhado a partir de vários enfoques de abordagens e do uso de vários recursos didáticos, o mais importante é constatar se houve de fato um retorno do trabalho empreendido e isso pode ser averiguado na leitura dos depoimentos dos alunos/as.

A homofobia é apenas um dos desafios que devemos enfrentar desde a sala de aula, deve ser trabalhada de forma contextualizada e em conexão a outras formas de exclusões culturais marcadas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pelo racismo, sexismo, xenofobismo, intolerância religiosa e outras formas degradantes da humanidade. Ao possibilitarmos a mitigação da Homofobia, quando trabalhada seriamente, também possibilitaremos ao mesmo tempo a mitigação dessas outras formas de exclusões.

Se os livros didáticos são carentes de conteúdos que possam nos auxiliar nessa tarefa, não podemos deixar de efetuar esse trabalho fazendo meia culpa; o cinema está aí a nos oferecer material como vimos nesse artigo. Uma rápida pesquisa na rede mundial internet também poderá nos mostrar que materiais para nos auxiliarem não faltam. Como usar essa gama de materiais? Ora, asas à criatividade.

Dados gerais do Filme: Filme: *Eu Não Quero Voltar Sozinho*. Curta Metragem. Ano de produção: 2010. Roteiro e direção: Daniel Ribeiro. **Atores e atrizes:** Guilherme Lobo (Personagem: Leonardo). Fabio Audi (Personagem: Gabriel). Tess Amorim (Personagem: Giovana). Nora Toledo (Personagem: Professora). Julio Machado (Personagem: Professor). Carolina Cezar Raspanti (Personagem: Larissa). Produtora: Diana Almeida. Produtor: Daniel Ribeiro. Produtora Executiva: Diana Almeida; Produção: Lacuna Filmes

REFERÊNCIAS

CARTA DE SALVADOR PARA A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – ENSINO MÉDIO. “1ª Oficina de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio”, realizada no Instituto Anísio Teixeira, de 13 a 27 de abril de 2007 em Salvador – BA. Impresso, 2009.

DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ: FILOSOFIA. Curitiba: SEED, 2006 (atualizadas 2007-2008).

GRAMSCI, Antonio. **Introdução à Filosofia da Práxis.** 29ª ed, Lisboa - Portugal: Editora Antídoto, 1986.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.* Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC), 1999. Ciências Humanas e suas Tecnologias Orientações Educacionais Complementares aos **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.** Parte referente à Filosofia – pp.41-54



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

_____ – MEC. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. PROJETO DE ESTUDO SOBRE AÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NO ÂMBITO ESCOLAR, ORGANIZADAS DE ACORDO COM ÁREAS TEMÁTICAS, A SABER, ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO, GERACIONAL, TERRITORIAL, NECESSIDADES ESPECIAIS, SOCIOECONÔMICA E ORIENTAÇÃO SEXUAL. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf#page=6&zoom=auto,-129,634>> Último acesso: 20.09.14

PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. **O lugar lacunar da Filosofia no Ensino médio.**

Educação em Revista, Marília, v.12, n.1, p.51-64, Jan.-Jun., 2011. (Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/1537/1331>>

Último acesso: 03.11.13

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. "Orientação Pedagógica nº 001/2010 - DEDI/SEED". Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/orientacoes/orientacaopedagogica0012010.pdf>. Último acesso: 10.05.15

THOMPSON, Edward Paul. **A miséria da teoria.** São Paulo: Zahar, 1981.